

EDITORIAL

ÉTICA, CIÊNCIA, VERDADE

O Seminário **Ciência e Verdade**, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro em abril de 1997, foi regido pela idéia de que muito se teria a aprender com a noção de razão heterodoxa. Em virtude disso, dois critérios predominaram na organização do mesmo.

Em primeiro lugar, o termo ciência foi considerado num sentido bem amplo, acolhendo sob essa denominação o saber do Oriente, analisado em dois trabalhos que apontam outros parâmetros de verdade aceitos pelas civilizações orientais, mostrando que as categorias de racionalidade predominantes no Ocidente não são as únicas possíveis. Em segundo lugar, considerou-se como objetivo primordial dessacralizar a razão científica, mostrando a ciência como obra eminentemente humana, circunstancializada, histórica e geograficamente situada, que traz a marca do contexto no qual se desenvolve.

Assim, reunimos sob a temática **Ciência e Verdade**, trabalhos que, embora partindo de abordagens diferentes e analisando temas e pensadores distintos, têm em comum o fato de renegarem o dogmatismo e a ineficácia da unificação racional, abraçando a noção de razão dinâmica, pluralista e heterodoxa.

À luz do Di Nei Jing, texto chinês de inspiração taoista Alcio Gomes em *A medicina chinesa* reflete sobre a dinâmica energética que caracteriza o desenvolvimento da mulher, nele ressaltando a importância das forças opostas, mas complementares do Yin e do Yang. Conforme afirma o autor, passados mais de dois milênios o Di Nei Jing ainda surpreende e serve de orientação para práticas terapêuticas que permitem amenizar males do homem contemporâneo.

Já em *Índia: ciência e verdade*, Raquel Movschowitz mostra que pode haver uma aproximação entre o conhecimento científico ocidental e o tratamento que a cultura indiana dá aos temas ciência e verdade. Ressalta ainda que se pode extrair da cultura indiana dois saberes: a medicina ayurveda e a questão dos Gunas, as principais tendências da natureza humana, chegando à conclusão de que é necessário delimitar as várias dimensões do conhecimento védico para poder estabelecer uma relação formal com o Ocidente.

A fecundidade e o progresso das ciências a partir do século XVII favoreceram seu prestígio, conduzindo à crença na onipotência do saber científico, manifestada através do predomínio do cientificismo. As ciências passaram a determinar as regras do jogo e os paradigmas sobre as quais se modulam os comportamentos da civilização contemporânea do ocidente. Após as transformações ocorridas no século XX no interior das teorias científicas, a ciência, maculada pelo relativismo, abdicou de alcançar o saber absoluto.

Em *Popper: a ciência do erro*, Wânia Maria Lourenço mostra que a visão popperiana da ciência resgata o papel do erro na constituição do saber, tornando-o responsável pela criação de novas conjecturas.

A proposta apresentada em **O caráter paradoxal da razão moderna** por Vera Potocarrero vem reforçar a idéia diretriz do Seminário, mostrando o caráter paradoxal da razão humana que se constitui numa

relação inextricável com a desrazão. Apontando os limites da razão cartesiana, ressalta a reversibilidade das relações entre loucura e razão, mostrando que não tem sentido a oposição radical entre ambas.

O artigo de Léa Távora, *A verdade da ciência psicanalítica e a verdade da filosofia*, pretende resumir a história da difícil inserção da psicanálise no campo do conhecimento, tentando apontar algumas de suas causas, bem como o fato de a psicanálise lançar mão atualmente da interdisciplinaridade, recurso inaceitável na época de Freud, conquistado, contudo, a partir da obra de Jacques Lacan.

O artigo *Razão e verdade na ciência contemporânea* de autoria de Marly Bulcão tem como preocupação primordial combater o dogmatismo da perspectiva cientificista, enfatizando a historicidade e a provisoriedade do saber científico, ressaltando que a ciência é obra do homem, resultante do trabalho de uma razão artesã que, através da constituição de tessituras racionais e técnicas, renova incessantemente o mundo em que vivemos.

Considerar a atividade da razão como obra eminentemente humana é aceitar a dinamicidade, a diversidade e a historicidade do saber, é admitir as relações destes com as instâncias políticas, mas é, acima de tudo, compreender que o progresso da razão é resultado de um refazer-se incessante, através do qual esta abdica de seus métodos, de suas aquisições e de suas próprias categorias em prol de um conhecimento sempre novo. Num jogo ousado de criação e liberdade, a razão se alia à imaginação e à loucura, constituindo inesgotavelmente novos parâmetros de verdade e de cientificidade, fazendo do homem um ser que se prolonga num porvir sempre novo e imprevisível.

De todos os caminhos seguidos pela razão, pode-se destacar algo importante: a meta da ciência não é desnudar a natureza, mas envolvê-la no tecido de nossos discursos, no confronto de nossas idéias, nas teias de nossa imaginação, para, assim, compreendê-la segundo nossas razões, para, assim, desenvolvendo nossa racionalidade, nos tornarmos mais humanos, através de construções feitas à medida do próprio homem.

Marly Bulcão

A Revista **Reflexão** inclui ainda, no presente número, os seguintes artigos, que não fizeram parte do Seminário *Ciência e Verdade*, mas cuja temática está em consonância com este: a coação argumentativa, por Álvaro Marques-Fernández; o debate sobre filosofia da mente, apresentado por João de Fernandez Teixeira; a discussão da sintonia entre idéias bíblicas e a física moderna, por Fernando M. Gomide; e a tematização da crise da razão na sua relação com a falência da estética, por Fernando Bastos. Todos os temas giram em torno das possibilidades da razão, no mundo atual.

A REDAÇÃO

ÉDITORIAL

ÉTHIQUE, SCIENCE, VÉRITÉ

Le Séminaire **Science et Vérité**, réalisé dans l'Université de l'État de Rio de Janeiro au mois d'avril de 1997, a été orienté par l'idée qu'on aurait beaucoup à apprendre avec l'idée de raison hétérodoxe; pour cette raison, deux critères ont été prédominants dans l'organisation du Séminaire.

Le terme science, d'abord, a été considéré dans un sens très large; on a accueilli, sous cette dénomination, la sagesse de l'Orient, analysée dans deux communications que signalent l'existence d'autres paramètres de vérité, acceptés par les civilisations orientales; ces communications montrent que les catégories de rationalité dominantes dans l'Occident ne sont pas les seules possibles. Ensuite, on a considéré comme but primordial la désacralisation de la raison scientifique, en présentant la science comme oeuvre humaine, circonstancielle, historique et géographiquement située, marquée par le contexte dans lequel elle se développe.

On a, donc, réuni, sous la thématique **Science et Vérité**, des travaux qui, en dépit des perspectives diverses et des différents thèmes et des différents auteurs, qu'ils analysent, ont pour dénominateur commun la négation du dogmatisme et la dénonciation de l'inefficacité de l'unification rationnelle, embrassant la notion de raison dynamique, pluraliste et hétérodoxe.

C'est dans la perspective du Di Nei Jing, texte d'inspiration taoïste que **Alcio Gomes** réfléchit, dans **La médecine chinoise**, sur la dynamique énergétique qui caractérise le développement de la femme; il y met en relief l'importance des forces opposées, mais complémentaires du YIN et du YANG, plus de deux millénaires après, nous peut surprendre encore et servir d'orientation pour les pratiques thérapeutiques qui permettent adoucir les maux de l'homme contemporain.

Raquel Movschowitz, dans **l'Inde: science et vérité**, montre qu'on peut approcher la connaissance scientifique occidentale de la perspective que la culture indienne offre des thèmes science et vérité. Elle met en relief qu'on peut trouver, dans la culture indienne, deux genres de savoir: la médecine ayurveda et la question des Gunas, envisagent les principales tendances de la nature humaine, et elle arrive à conclure qu'on a besoin de délimiter les diverses dimensions de la connaissance védique, afin d'établir une relation formelle entre celle-ci et la visée de l'Occident.

La fécondité et le progrès des sciences du XVII^e siècle ont favorisé son prestige, et ils ont amené à la croyance dans la prédominance du savoir scientifique; cette croyance est manifeste dans l'omnipotence du scientisme. Les sciences déterminent les règles du jeu et les paradigmes sur lesquels les comportements de la civilisation contemporaine de l'Occident ont été bâtis. La science, après les transformations qui ont eu lieu, dans l'intérieur même des théories scientifiques au XX^e siècle, a été maculée par le relativisme et elle a abdiqué son ambition de trouver le savoir absolu.

Wânia Maria Lourenço, dans sa communication: **Popper, la science de l'erreur**, montre que la perspective popperienne au sujet de la science rachète le rôle de l'erreur dans la constitution du savoir, en le rendant responsable de la création de nouvelles conjectures.

La visée présentée par Vera Potocarrero dans **Le caractère paradoxal de la raison moderne**, renforce l'idée directrice du Séminaire, car elle met en relief le caractère paradoxal de la raison humaine, laquelle s'est constituée dans une relation inextricable avec la déraison. Elle signale les limites de la raison cartésienne, elle met en relief la réversibilité des relations entre folie et raison, elle montre qu'on ne peut pas accepter une radicale opposition entre celles-ci.

L'article de lea Távora, **La vérité de la science psychanalytique et la vérité de la philosophie**, a pour but résumer l'histoire de la difficile insertion de la psychanalyse dans le domaine de la connaissance; cet article essaye d'indiquer quelques-unes des causes de cette difficulté, aussi bien que montrer que la psychanalyse cherche, aujourd'hui, l'interdisciplinarité, et que cette visée - inacceptable à l'époque de Freud - a été conquise à partir de l'oeuvre de Lacan.

L'article **Raison et vérité dans la science contemporaine**, de Marly Bulcão, a pour but primordial le combat du dogmatisme de la visée scientifique; il met en relief l'historicité et le caractère provisoire du savoir scientifique; il montre que la science est l'oeuvre de l'homme, et qu'elle résulte du travail d'une raison artisanale, laquelle, à travers la constitution des tessitures rationnelles et techniques, peut renouveler le monde où nous vivons.

Considérer l'activité de la raison en tant qu'oeuvre éminemment humaine, c'est accepter de dynamisme, la diversité et dynamisme, la diversité et l'historicité de celles-là avec les instances politiques; mais, en dessus tout, c'est comprendre que le progrès de la raison est le résultat d'un incessant refaire, à travers duquel celle-là abdique de ses méthodes, de ses acquisitions et de ses catégories même, en faveur d'une connaissance toujours renouvelée. La raison, dans un jeu hardi de création et de liberté, s'allie à l'imagination et à la folie, pour constituer inépuisablement des nouveaux paramètres de vérité et de scientificité, en faisant de l'homme un être que se prolonge dans un avenir toujours nouveaux et imprévisible.

On peut mettre en relief, dans tous les chemins suivis par la raison, quelque chose de très important: le but de la science n'est pas celui de dénuer la nature, mais celui de l'envelopper dans le tissu de nos discours, dans la confrontation de nos idées, dans les toiles de notre imagination, pour, de cette façon, arriver à comprendre la nature selon nos raisons, en développant notre rationalité, afin de devenir plus humains, à travers des constructions faites à la mesure de l'homme même.

Marly Bulcão

La Revue **Reflexão** a inclusé encore, dans cet numéro, les articles suivants, qui n'ont pas été présentés au Séminaire **Science et Vérité**, mais dont la thématique est en consonance avec celui-là: l'article sur coaction argumentative, de Álvaro Marquez-Fernández; le débat sur la philosophie de l'esprit, présenté par João Teixeira; la discussion de la syntonisation entre les idées bibliques et celles de la physique contemporaine, faite par Fernando Gomide; la méditation sur la crise de la raison et sa relation avec la faillite de l'esthétique, par Fernando Bastos. Tous ces thèmes ont pour axe la réflexion autour des possibilités de la raison, dans le monde actuel.

LA RÉDACTION